



FILIPA FONSECA SILVA

O ELEVADOR

ROMANCE



4.^a Edição



Para o Hugo
(e todos os homens que sabem amar as mulheres)

*«Às folhas tantas
do livro matemático
um Quociente apaixonou-se
um dia
doidamente
por uma Incógnita.
Olhou-a com seu olhar inumerável
e viu-a do ápice à base
uma figura ímpar;
olhos rombóides, boca trapezóide,
corpo retangular, seios esféroídes.
Fez de sua uma vida
paralela à dela
até que se encontraram
no infinito.
[...].»*

MILLOR FERNANDES, 1954

Lá vai ela, veloz na sua *Vespa*, exibindo-se rua fora, fingindo não reparar nos olhares que a seguem. Calções curtos, blusão de ganga desabotoado, a pele ligeiramente bronzeadada, colhendo com secreto deleite os assobios e piropos que lhe atiram a cada paragem num semáforo. As luvas de condução amarelas, a bolsa com longas franjas a tiracolo, os óculos escuros exageradamente grandes, para observar pelo canto do olho quem a contempla, sem mover a cabeça um milímetro que seja, técnica apurada na adolescência, quando desfilava nos corredores da escola, provocando um misto de inveja e admiração nas raparigas e incontroláveis erecções nos rapazes.

Tempos leves esses, em que as únicas preocupações eram escolher pormenorizadamente a indumentária para o dia, não chumbar por faltas e convencer os pais de que era uma menina bem-comportada. Na altura, como para tantos adolescentes, estes eram assuntos de crucial importância, geridos ao mesmo tempo que as disputas sociais e dramas irresolúveis que tinham como palco o recreio da escola. O mundo era enorme, porém inalcançável até se atingir a maioridade; as amizades eram imprescindíveis, porém voláteis como o éter; a juventude parecia eterna, porém manchada pela ansiedade de chegar à idade adulta. E, no entanto, vistos a esta distância, poder-se-ia concluir que esses tempos tinham sido uma pétala de dente-de-leão a voejar devagarinho num campo aberto; um sonho bom, do qual não queremos despertar e ao qual, despertando, por mais que voltemos a fechar os olhos, nunca mais conseguimos regressar. Como é que, de repente, tinha chegado até ali? Por onde passou o tempo com tanta voracidade? Como se vai de adolescente

despreocupada a adulta insatisfeita, cujos sonhos, eternamente adiadados, parecem estar quase a expirar?

Lá vai ela, mordendo o lábio, como sempre faz ao embrenhar-se nos seus pensamentos, enquanto o ar quente de Verão lhe beija a pele e faz esvoaçar os cabelos cor de mel. A desejar ardentemente não ter de pensar. A desejar ardentemente conseguir travar a sucessão de frases que se formam aleatoriamente no seu cérebro, como ecos de diferentes «eus», todos a falarem ao mesmo tempo, atropelando-se, caóticos. «Amanhã tenho de desmarcar a Dona Lurdes, talvez consiga atendê-la na terça-feira, não me posso esquecer de pôr as calças a arranjar, oh, que gato tão querido ali à janela, gostava tanto de ter um gato, e até dava para ter um gato lá em casa, o pior era se arranhasse o sofá, mas também, o que é que isso interessa, um sofá é apenas um sofá, punha uma manta para disfarçar o estrago e pronto, mas e os pêlos, teria de aspirar a casa mais vezes, olha que saia tão gira, tenho de usar saias mais vezes, se bem que na mota, *walk on by, walk on by, foolish pride*, hoje estou com esta música na cabeça, não sei porquê, não me lembro de tê-la ouvido, talvez tenha dado no filme de ontem, não sei, adormeci... o que é que a Rute queria dizer com aquilo, "tens de saber viver", parece que é parva, vou com o vestido roxo, é isso, adoro o vestido roxo, merda, não está passado a ferro, levo o azul, então, tenho de levantar dinheiro, está tudo parado ali à frente, olha que lindas flores, gosto tanto de flores, porque é que ele nunca me oferece flores, já comia qualquer coisa, que horas são, não posso chegar atrasada, não hoje, vou chegar atrasada, merda, pára, respira, daqui a cinco minutos estás em casa, o que são cinco minutos, olha a cidade ao entardecer, aproveita a viagem, voa, Sara, voa para longe, para lá da cidade, da terra, de ti!»

Sara acredita que andar de mota é o mais perto que alguma vez estará de voar. Isto porque tem a certeza de que, por muito aventureira que seja, nunca terá a coragem de se atirar de pára-quedas ou de pára-pente ou de qualquer outro meio que os humanos inventem para se assemelharem a um pássaro. Já lhe custa olhar para o passeio

a partir da varanda do segundo andar, quanto mais atirar-se deliberadamente de alturas estonteantes. Mas ali, em cima da sua velha *scooter*, imagina que, em vez da roupa, tem penas coloridas a ondu-lar por entre o vento. Descreve «esses» no asfalto, imitando o voo inconstante de uma pequena ave, enquanto sente ligeiras mudanças de temperaturas e de aromas a cada esquina dobrada. Jasmim, vinho, gasolina, caril. Os aromas que compõem aquela parte da cidade.

Aproxima-se finalmente de casa. Um prédio antigo de cinco andares numa rua pacata, salpicada de árvores. Tira o capacete com cuidado e abana os cabelos como se estivesse num anúncio de champô. Prende a mota com o cadeado ao candeeiro de rua e levanta o banco, de onde retira o saco do ginásio e uma garrafa de vodca, que precisa de pôr rapidamente no congelador para refrescar um bocadinho antes de saírem para o jantar. Não lhe apetece nada aturar a família dele esta noite. Preferia mil vezes ir dar uma volta de mota pela cidade ou assistir a uma sessão de cinema ao ar livre. Está uma noite tão boa... Ah, como são maravilhosas estas noites de Verão, longas e quentes, com sabor a férias mesmo quando se está a trabalhar, como se as horas se esticassem para lá das vinte e quatro que compõem cada dia. Mas não. Mais uma vez terá de fazer a última coisa que lhe apetece. Dizem que é mesmo assim uma vida a dois. Um conjunto de cedências, compromissos, sacrifícios... Porém, por vezes, parecia-lhe que só ela cedia. Entra no prédio contrariada.

Perante a demora excepcional do elevador, Sara suspira e, sem o mínimo de consciência do seu gesto, começa a bater impacientemente com o pé no chão de pedra. Quando as portas finalmente se abrem, depara-se com os vizinhos de cima carregados com malas, sacos e três filhos barulhentos empilhados no espaço exíguo daquela caixa que sobe e que desce pelas entranhas de betão. A razão da demora, portanto.

— Olá, boa tarde, querem ajuda? — pergunta Sara, disfarçando a irritação que a espera lhe provocou.

— Olá, Sara — responde o homem. — Não, obrigado, não é preciso ajuda. Já estamos habituados a esta logística.

— Mas vão de férias ou vão mudar de casa? — diz em tom de brincadeira, perante a quantidade de bagagem que vai saindo do elevador. Tem a sensação de estar a ver um daqueles concursos que davam na televisão, do tipo «quantas pessoas cabem num *Mini*».

— Férias... — suspira a mulher, afastando o cabelo do rosto com um sopro, enquanto tenta convencer o mais novo a sair do cimo da pilha de malas.

— Férias é como quem diz — troça o marido —, que isto com filhos é mais algo entre o recrutamento militar e a anarquia instalada.

— Pois, imagino — comenta Sara, estupefacta. Seria mesmo necessário levar tanta coisa para umas férias?

— Olha, podes dizer à Dona Ester para ligar para a manutenção do elevador? — pergunta o homem.

— Está a fazer um barulho esquisito desde ontem — continua a mulher.

— E há bocado até parecia que ia parar — diz o homem.

— Eu ainda quis ir lá dizer-lhe — volta a mulher.

— Mas a esta hora ela está a jantar e a ver o telejornal e, já se sabe, não abre a porta a ninguém — conclui o homem.

— Sim, claro, amanhã de manhã, quando sair, eu aviso-a — responde Sara.

— Então vá, vemo-nos daqui a duas semanas — diz a mulher, que desistiu de tirar o miúdo de cima da mala, arrastando-a agora para fora do prédio com ele em cima, a fazer de conta que é um domador de dragões.

— Boa viagem. Aproveitem!

A pesada porta verde fecha-se, assim como a do elevador, e, nesse instante, Sara apercebe-se de que os vizinhos completam as frases um do outro, como se fossem um daqueles seres mitológicos

de duas cabeças. Nunca tinha reparado em tal pormenor antes, mas agora parecia-lhe cómico. E, sobretudo, muito romântico. Era preciso ter uma enorme cumplicidade para conseguir adivinhar os humores e pensamentos do outro. Uma sintonia que Sara só conhecera no início de uma relação, quando a cada dia somos arrebatados pela descoberta da infinidade de coisas que temos em comum com alguém que acabámos de conhecer. Quando tudo o que o outro diz é engraçado, novo, inspirador. Quando temos a certeza, absoluta, inabalável, de que estamos perante a nossa alma gémea. Até ao dia em que deixa de o ser, pois até os gémeos viram costas um ao outro.

Ou seria triste? E se essa sincronia de pensamentos e acções fosse um sinal de que aquelas almas estavam sufocadas num lago pantanoso de onde não conseguiam escapar e onde, a cada tentativa desesperada de vir à tona, iam perdendo um pouco mais a sua individualidade? A veia romântica de Sara prefere acreditar na hipótese do amor absoluto, afastando o cinismo com um sorriso. Sorri também perante a perspectiva de estar duas semanas sem ouvir carrinhos a percorrer o soalho, lutas fraticidas e vozes de personagens de desenhos animados a partir das oito da manhã.

Leva a chave à porta, pendura o capacete no cabide de parede e o sorriso desfaz-se ao deparar-se com Alex a fazer *zapping* no sofá do pequeno estúdio, enquanto a loiça do pequeno-almoço continua empilhada no lava-loiças e a roupa por dobrar em cima da mesa de jantar. Sem vontade de dizer sequer boa tarde, Sara abre o frigorífico onde jaz, solitário, um último iogurte líquido, que bebe de uma só vez.

— Então, miúda? Já te ia ligar. Porque demoraste tanto? — pergunta ele, endireitando-se no sofá. — Não te esqueceste de que hoje o meu pai faz anos, pois não?

Sara murmura entredentes qualquer coisa imperceptível, colocando com brusquidão a garrafa de vodka na gaveta do congelador e a roupa do ginásio dentro da máquina. Alex levanta-se num pulo

e dirige-se a ela para lhe dar um beijo. Mas Sara não se move, continuando a enfiar roupa na máquina com brusquidão.

— Deixa lá a roupa, olha que já são oito horas e vamos chegar atrasados.

— Mas já estás pronto?

— Há que tempos!

— Ai, sim? — diz Sara, com desdém, olhando-o nos olhos pela primeira vez desde que chegara. — Então, isso quer dizer que as tuas amigas vêm cá hoje, é?

— Quais amigas?

— As fadas domésticas, que arrumam tudo enquanto nós não estamos em casa!

Alex ainda esboça um movimento de lábios, tentando que uma qualquer resposta se solte da garganta, mas depressa percebe que é melhor não dizer nada, até porque Sara já lhe virou costas e bateu com a porta do quarto. «Incrível! Nem um olá. Passa o dia inteiro fora de casa e, quando chega, está sempre maldisposta, sempre irritada», diz para si próprio, enquanto se atira à loiça suja, na esperança de que isso melhore o humor da namorada. Quando ela aparece, deslumbrante num vestido azul e lábios carmim, nem repara no esforço que ele fez para lhe agradar. São oito e meia quando saem finalmente de casa e entram no elevador.

20h30

— Pronto, vamos chegar atrasados outra vez — suspira Alex, enquanto segura a porta do elevador para Sara entrar.

— E então?

— Então, sabes bem os meus pais detestam que as pessoas se atrasem.

— Nós não somos umas pessoas quaisquer. És o filho deles. É preciso cumprir protocolo, ainda assim?

— Não, não é preciso cumprir protocolo, mas é chato chegarmos atrasados, mesmo sendo os meus pais.

— Ohhh, que peninha... — goza Sara.

— Não sejas infantil — continua Alex. — É um facto que vamos chegar atrasados. Foi só uma constatação.

— Não, não foi só uma constatação. O tom que usaste foi bastante claro. Uma crítica implícita, porque o atraso é culpa minha.

— E não é? Chegaste a casa às oito, que era mais ou menos a hora a que devíamos estar a sair, e ainda te foste arranjar nas calmas, como se tivesses todo o tempo do mundo.

— Claro, querias que fosse ao jantar do teu pai de calções e cabelo desgrenhado?

— E tinhas mesmo de ir ao ginásio hoje, quando sabias que o meu pai faz anos? Podias ter vindo directamente para casa.

— Ah, não, espera! Estive o dia todo a trabalhar, a ansiar por uma aula para descontraír, mas ia mudar os meus planos e sacrificar o meu bem-estar só por causa do teu pai. Era só o que

me faltava! — exclama Sara, cruzando os braços. — Ninguém morre se chegarmos trinta minutos depois da hora marcada.

— Uma hora.

— Que seja. Eles têm lá muita gente com que se entreter.

O elevador dá um solavanco e pára abruptamente entre pisos.

— Ai! — grita Sara, assustada. — O que é isto?

— O elevador ficou encravado — constata Alex.

— Encravado? Não pode ser! Não vamos ficar aqui presos, pois não? — pergunta, enquanto carrega em todos os botões, à beira de um ataque de pânico.

— Calma, já vai andar — responde Alex, tentando evitar uma crise maior. Já era suficientemente mau ficar preso num elevador, mas ficar preso num elevador com uma pessoa histérica seria bem pior. — Não vale a pena carregares em todos os botões ao mesmo tempo, ok? Respira fundo e deixa-me tentar resolver o problema.

— Mas como é que vais resolver o problema? Isto não é uma das tuas equações. O que é que percebes de elevadores?

— Sara, a sério, afasta-te e deixa-me tratar disto — pede Alex, olhando em volta com um ar de MacGyver, que a qualquer momento conseguirá fazer o elevador voltar a andar com um gancho de cabelo e uma pastilha elástica.

Sara respira fundo três vezes e tenta acalmar-se. Realmente não vale a pena entrar em pânico, em menos de nada o elevador recomeçará a andar ou, em última análise, vai chegar alguém para os tirar dali. Sim, porque a hipótese de ser salva por um rasgo de criatividade de Alex é tão plausível como aparecer o Super-Homem. Talvez noutros tempos tivesse acreditado num desfecho heróico, mas, actualmente, associar Alex a qualquer tipo de heroísmo, parece-lhe uma anedota. Resta-lhe, portanto, voltar ao modo discussão.

— Já agora, só me atrasei porque ainda tive de ir comprar a estúpida da bebida que me pediste. Porque é o teu pai que faz anos, mas eu é que tenho de me lembrar de comprar um presente.

— O ginásio é ao lado da garrafeira, não é como se tivesses ido ao outro lado da cidade. Além disso, não me esqueci coisa nenhuma e até lhe comprei estes bombons — afirma Alex, exibindo uma caixa vermelha e reluzente, com o ar mais caro que uma caixa de bombons comprada num minimercado de bairro pode ter.

— Ai, saíste para comprar bombons para o paizinho, foi? Se te pedisse para ires levar o lixo nem te mexias...

— A sério, Sara? Não sejas parva. Já agora, o que é que compraste? — pergunta Alex, mudando de assunto, enquanto espreita para dentro do saco que Sara havia pousado no chão. — Vodca? Não era vodca...

— Só podes estar a gozar!

— Então não sabes que o meu pai não gosta de vodca?

— Deixa lá, que a tua mãe não vai deixar que se estrague.

— Vais começar?

— Eu? Eu não.

— Então, aonde é que querias chegar com esse comentário?

— A lado nenhum. Só fiz um comentário em que está implícito que a tua mãe gosta de vodca e que, se o teu pai não o quiser, ela bebe. Por falar em chegar a algum lado, porque é que o elevador não anda?

— Perguntas bem, mas eu não sou técnico de manutenção de elevadores. Temos mesmo de chamar alguém que perceba disto.

— Não disseste que ias resolver? — pergunta Sara, sarcasticamente.

— Mau... Tiraste o dia para me chatear, foi?

— Não.

— Ah, espera, pois não. Tiraste o ano inteiro.

— Que graça — ironiza Sara. — Os vizinhos do terceiro bem me disseram que o elevador estava a fazer um barulho esquisito...

— E tu não te lembraste de me avisar? — pergunta Alex, incrédulo.

— Não, porquê? Achas que se eu te tivesse avisado ia mudar alguma coisa?

— Obviamente! Podíamos ter usado as escadas.

— Sim, claro, estou mesmo a ver. Eu dizia «olha, os vizinhos do terceiro pediram para avisarmos a Dona Ester de que o elevador está a fazer um barulho esquisito» e tu respondias logo «um barulho? Então vamos de escadas!». É isso... — resmunga Sara, encostando-se à porta e começando a bater o pé nervosamente. — Só falta dizeres que a culpa de o elevador avariar, precisamente quando estamos os dois cá dentro, também é minha. E da fome no mundo, já agora.

— Está bem, esquece.

— Porque é que não carregas no alarme?

— Já carreguei.

— E então?

— Ouviste alguma coisa?

— Não.

— Então é porque também não funciona, boa?

Sara começa a saltar.

— O que é que estás a fazer? — pergunta Alex, suspirando.

— O prédio onde eu vivia quando era miúda tinha um elevador que parava imensas vezes e o truque era saltar um bocadinho para que voltasse a andar.

— Claramente não funciona com este.

— Pois não — assente Sara, desiludida.

— Bom, vamos mas é ligar para o número que está nesse auto-colante, deve ser da assistência. Depois ligo ao meu pai a dizer para começarem sem nós. Estou mesmo a ver que não saímos daqui antes das dez. Empresta aí o teu telefone.

— Não trouxe. Estava sem bateria. Liga do teu.

— Estás a gozar!

— Não estou não, porquê?

— Porque eu também não trouxe o meu... — diz Alex, voltando a passar as mãos por todos os bolsos, na vã esperança de o ter enfiado num qualquer menos óbvio à primeira perscruta.

— Não acredito!! — exalta-se Sara. — Nunca largas a porcaria do telefone e logo agora, que precisamos de um, não o trouxeste? Eh pá, tu és incrível!

— Ficou em cima do sofá. Com as pressas para sair esqueci-me de pô-lo no bolso.

— Bravo! E agora como é que vamos sair daqui? — pergunta Sara, andando em minúsculos círculos, ou melhor dizendo, a tentar não estar parada, já que andar, fosse em círculos ou a direito, no interior de um elevador residencial era praticamente impossível.

— Calma, deixa-me pensar.

— Não acredito que vamos ficar aqui fechados a noite inteira! — exclama Sara, começando a hiperventilar.

— Claro que não vamos. Deve estar quase a aparecer alguém. Nem que seja depois da hora de jantar.

— Esquece, é o pico do Verão e está toda a gente de férias.

— Como é que sabes?

— Sei porque, ao contrário de ti, eu socializo com as pessoas que me rodeiam. Os do terceiro acabaram de sair para férias, os do quarto foram na semana passada, os velhotes do primeiro passam o mês de Agosto inteiro no parque de campismo, o divorciado só Deus sabe quando vem dormir a casa, e a japonesa só vive cá entre Outubro e Maio, caso nunca tenhas reparado. A única pessoa que está no prédio é a Dona Ester, que é surda que nem uma porta e que, assim que termina o telejornal, se deixa embalar pela sua surdez até à manhã seguinte. Ou seja, estamos lixados.

— E se gritarmos os dois por ela ao mesmo tempo, o mais alto que conseguirmos, será que nos ouve?

— Tenho a certeza de que não.

Alex começa a gritar com todas as forças.

— Eh pá, podias ter avisado para eu tapar os ouvidos! — refila Sara.

Ele grita novamente, com um certo desespero.

— Já acabaste? Como vês, não resulta.

— Merda. Vamos mesmo ficar aqui fechados — suspira Alex, rendendo-se à evidência.

— Pois vamos.

— Isto não pode estar a acontecer...

— Mas está. E não há nada que possamos fazer para o resolver.

A coisa que mais ansiedade causava a Alex era não conseguir resolver um problema. Ele bem tentava convencer-se de que havia coisas irresolúveis na vida, mas a ansiedade não o largava. Era mais forte do que ele.

Desde miúdo que sonhava com um mundo em que tudo pudesse ser compartimentado, catalogado, organizado e em que todos os problemas tivessem solução. Bom, se não uma solução, pelo menos uma explicação, uma lógica, um porquê. Ainda mal sabia distinguir o laranja do vermelho e já separava os carrinhos por cores, por tamanhos e por função. Depois passou para os peluches, para os lápis de cera e até para os *Legos*, que guardava religiosamente em velhas caixas de sapatos, separados por cores, com todas as outras peças e acessórios, como janelas, portas, rodas ou sinais de trânsito, numa caixa à parte, respeitando uma lógica que lhe parecia óbvia.

Aos cinco anos, numas longas férias de Verão, daquelas em que as crianças já não sabem a que mais podem brincar numa casa vazia e começam a desejar que a escola recomece depressa, provocou um ataque fúria ao pai, com direito a um severo castigo, porque decidiu colocar alguma ordem na biblioteca. Como ainda não sabia ler, ao olhar os mais de mil livros que pareciam jazer erraticamente nas estantes do escritório do pai, começou a ficar inquieto. Como é que alguém conseguia olhar para aquelas fileiras sem procurar uma lógica, um sistema? Livros magros ao lado de livros gordos, os altos ao lado dos baixos, lombadas de diferentes cores, tudo misturado. Se soubesse ler, teria percebido que estavam agrupados por temas, mas, ainda assim, dentro de cada tema, não havia, de facto, uma ordem. Alex ignorava que há tantas maneiras de organizar uma biblioteca

quantos leitores apaixonados e foi então que, à revelia da empregada, único adulto em casa naquele dia, foi buscar o escadote e tirou todos os livros de todas as prateleiras, abraçando a missão de os organizar como lhe parecia mais lógico. Começou por agrupá-los por cores das lombadas. Quando já tinha dezenas de conjuntos coloridos, começou a colocá-los nas prateleiras dos mais escuros para os mais claros. E dentro de cada conjunto de cor, ordenou-os por ordem crescente, embora na altura ainda não soubesse o que isso era. O efeito visual era espantoso. Era como se dentro da estante repousassem cordilheiras coloridas.

Tamanha tarefa levou-lhe todo o dia, mal parando para comer. Um dia em que as poucas palavras que emitiu foram em resposta à empregada, que volta e meia batia à porta a perguntar se o menino estava bem. Quando o pai chegou a casa, Alex estava extenuado, mas com um sorriso orgulhoso nos lábios. Agarrou-o pela mão e foi mostrar-lhe a surpresa que tinha estado a preparar. Assim que o pai entrou no escritório, começou a gritar de desespero, como se alguém tivesse morrido. A mãe acorreu ao lugar, alarmada, para logo se aperceber da tragédia que era para o marido alguém mexer nos seus livros. Temeu que a ira o levasse a sovar Alex, mas conseguiu que a criança se livrasse apenas com um açoite e o castigo de ir para o quarto sem jantar. Mais tarde, nessa mesma noite, depois de saborear o seu segundo Martini, a mãe foi levar-lhe um resto de lasanha ressequido para que não dormisse de estômago vazio. Aproveitou para lhe dizer que, embora não pudesse tocar nas prateleiras de nenhum outro sítio que ultrapassasse os limites físicos do próprio quarto, estava autorizado a organizar o roupeiro dela como achasse mais lógico, incluído os seus acessórios e sapatos. Alex teve então com que se entreter durante mais duas semanas, uma das quais passada a tentar descobrir um padrão lógico que lhe permitisse arrumar vinte pares de *jeans* que lhe pareciam praticamente iguais.

Não é, pois, de estranhar que o mundo de Alex só tenha começado a fazer sentido quando descobriu a Matemática. Foi

imediatamente conquistado pela ciência que a maioria dos rapazi-nhos da sua idade detestava. Uma ciência onde tudo tem uma razão, uma lógica e, principalmente, onde tudo faz sentido. E, ainda que, ao contrário de uma biblioteca, não pudesse dispor da Matemática como entendesse, foi ela quem o salvou do caos emocional em que poderia ter entrado.

Este interesse quase exclusivo pela ciência dos números, aliado a uma personalidade naturalmente introvertida, levou a que se afastasse cada vez mais dos seus pares. Passava a maior parte do tempo sozinho e era olhado de lado quer pela maioria dos colegas de escola, quer por alguns professores, que suspeitavam que ele tinha algum grau de autismo. Todos viam em Alex um menino muito estranho, que no recreio preferia brincar com o cubo de Rubik a jogar à bola e que, na sala de aula, preferia resolver problemas de Matemática a fazer desenho livre. A não ser que fosse véspera de teste, claro. Nessa altura a todos convinha mostrarem-lhe um sorriso para que os deixasse copiar.

Em casa, os pais não davam qualquer importância à sua clara inaptidão social. O pai era advogado numa firma importante e eram várias as semanas em que só chegava quando todos dormiam. Nos dias em que regressava a horas ditas normais, fechava-se no escritório a trabalhar, pelo que pouco interagia com o filho. Quando o fazia, era para lembrá-lo dos deveres ou para perguntar como estavam as coisas na escola, preocupando-se exclusivamente com o seu sucesso académico. Não, o pai de Alex não era do género de criar intimidade ou de se dar ao trabalho de fazer qualquer actividade com o filho, fosse um simples jogo de bola no jardim ou a construção de um modelo de avião. Aliás, Alex podia contar pelos dedos as vezes que o pai tinha brincado com ele ao que quer que fosse e, na maior parte do tempo, tinha a sensação de que aquele se esquecia de que viviam outras duas pessoas lá em casa.

Quanto à mãe, passava os dias entre o ginásio, os variados tratamentos de beleza e a fundação de beneficência que frequentava

numa tentativa de subir na escala social e ganhar credibilidade entre as outras mulheres dos doutores. Quando estava em casa, fingia-se ocupadíssima, circulando com uma agenda na mão e o telefone na outra, de modo a não ter de falar com ninguém e poder ficar horas no quarto, a ver televisão ou revistas do social, enquanto afagava o pêlo lustroso da *Nônô*, a sua gata persa. Estava eternamente agradecida aos deuses por ter um filho que passava a vida com a cabeça enfiada num caderno quadriculado em vez de a seguir para toda parte a bombardeá-la com perguntas infantis. Nunca indagou sobre quem eram os seus amigos (ou se os tinha) e, quando Alex fazia anos, altura em que é normal uma mãe perguntar quem queria o filho na sua festinha, convidava a turma inteira à sua revelia, bem como todos os filhos de todos os seus amigos e conhecidos com relevância social. Organizava festas temáticas que demoravam meses a preparar e que ninguém queria perder, incluindo aqueles que ignoravam Alex em todos os outros dias do ano. O objectivo da mãe não era promover amizades ou tornar o dia de Alex especial, mas antes exhibir os seus dotes de anfitriã e organizadora de eventos. Para ela, o conceito de festinha não existia. Ou era em grande ou não era. Confrontado com esta indiferença, Alex passou pela infância sem criar grandes memórias. Uma infância solitária, salva apenas por páginas e páginas de equações.

Foi preciso chegar ao nono ano para que conhecesse um adulto que se interessasse verdadeiramente por ele. Um adulto para quem a questão essencial não fosse «do que precisas», mas sim «como te sentes». Esse adulto foi, surpreendentemente, a conselheira da escola. Tipicamente os conselheiros são psicólogos contratados para cumprir requisitos formais. O seu trabalho não vai muito além de fazer testes vocacionais, distribuir propaganda antidroga ou informação sobre contracepção e observar os miúdos que apresentem um historial de violência. O objectivo de ter um psicólogo na escola não é ajudar os alunos a resolverem os seus problemas emocionais, muito menos as suas dúvidas existenciais, mas antes limitar condutas

delinquentes. Marta não fugia à regra. Era, de facto, o que fazia naquela escola. No seu caso, não por falta de uma genuína vontade de ajudar os miúdos, mas por se ter resignado à evidência de que não era humanamente possível ajudar mais de mil e quinhentos alunos sozinha. Assim, separava-os em três grupos: os casos perdidos, miúdos problemáticos que precisavam de um acompanhamento sério e permanente que nunca iriam receber ali; os casos urgentes, miúdos que, com uma actuação atempada, podiam ser salvos; e os casos de amor, aqueles que lhe chamavam a atenção por diferentes motivos e que tinha a certeza de que, com muito pouco esforço, poderiam dar resultados. Na verdade, por vezes bastava que se reparasse neles, que alguém os olhasse nos olhos e lhes transmitisse a certeza de que não eram invisíveis.

Para Marta, Alex era claramente um caso de amor. Encontrava-o sempre sozinho, fosse no recreio, à porta da sala ou na biblioteca, mas sabia que ele não apresentava nenhuma das características típicas dos miúdos que se isolam: não tinha qualquer problema físico que o impedisse de participar nas brincadeiras ou que o estigmatizasse; não vinha de uma família disfuncional, com casos de violência, abuso de substâncias ou doença crónica; não usava roupas ou acessórios excêntricos que o pudessem tornar alvo de chacota; e não era um verdadeiro marrão, sendo que a nível escolar apenas se destacava na Matemática. Para mais, era bem-parecido, educado e generoso. Queria ajudá-lo a sair da sua concha e a construir a confiança necessária para se integrar minimamente no mundo onde vivia.

Depois de várias investidas, conseguiu convencer Alex a fazer-lhe uma visita ao gabinete. A conversa, que adivinhava difícil, foi, no entanto, extremamente rápida. Alex não tinha qualquer dificuldade de expressão ou timidez patológica. Tinha apenas uma ligeira obsessão e claro domínio de uma ciência exacta que lhe permitia arrumar o mundo à sua maneira. Quando lhe perguntou porque é que andava sempre tão sozinho e não tentava fazer amigos, Alex limitou-se

a responder com naturalidade: «Não encontro ninguém com quem possa falar sobre Gauss ou Arquimedes.» Depois, reparou no capacete de mota pousado junto ao parapeito da janela e perguntou, com grande entusiasmo:

— Não acredito! A «stora» anda de mota?

— Ando, porquê?

— Por nada. Nunca tinha visto... — e Alex impediu-se de concluir a frase.

— Nunca tinhas visto o quê? Uma mulher com idade para ter juízo a andar de mota?

— Não, quer dizer, não é muito comum, mas é fixe.

— Gostas de motas?

— Não sei, quer dizer. Sempre gostei de olhar para elas, mas nunca andei numa.

— A sério? Ah, então tenho de te levar a dar uma volta comigo — exclamou Marta.

— É melhor não. Acho que a minha mãe não ia gostar. O meu tio morreu num acidente de mota e ela não me deixa aproximar de nenhum veículo de duas rodas, incluindo bicicletas.

— E se for às escondidas?

Alex ficou surpreendido. A transgressão não fazia nada o seu género e as regras eram algo com que lidava bem, uma vez que lhe permitiam saber sempre com o que contar. No entanto, a possibilidade de quebrar uma regra sem ser apanhado, protegido por um adulto acima de qualquer suspeita, era bastante sedutora. Os pais nunca iriam saber. A não ser que tivesse um acidente e fosse parar ao hospital. «Que se lixe», pensou do alto dos seus catorze anos, não antes de fazer uns cálculos rápidos da probabilidade de ter um acidente num pequeno trajecto como o que era proposto.

— Quando? — perguntou, com os olhos a brilhar de entusiasmo.

— Que tal agora mesmo? — sugeriu a professora. — As aulas estão a decorrer e ninguém nos vai ver a sair.

FILIPA FONSECA SILVA

O ELEVADOR

Numa noite quente de Verão, um casal prepara-se para ir jantar fora. Sara, contrariada, perde tempo deliberadamente. Alex, paciente, tenta não começar uma discussão. Só que, de repente, o elevador fica encravado, prendendo-os a noite inteira no seu interior. Sem forma de saírem, Sara e Alex são obrigados a confrontar-se com o estado da sua relação, empurrados para uma conversa que, de outro modo, não teriam. Sairá dali o seu amor mais forte? Ou erguer-se-á um muro impossível de derrubar?

De volta à ficção, Filipa Fonseca Silva traz-nos uma história de amor e desamor, onde a narrativa é entrecortada pelo diálogo entre dois amantes a tentarem descobrir o que significa uma vida a dois.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

     penguinlivros

ISBN: 978-989-596-577-9



9 789895 965779